

MANOEL CAVALCANTI PROENÇA

Gabriel Francisco de Mattos

Manoel Cavalcanti Proença, o *Maneco* que conheci de casos contados por minha avó e meus pais, falando de um senhor bonachão e culto, com o raro dom da boa prosa, aliando simplicidade e profundidade, nasceu em Cuiabá a 15 de Julho de 1905, filho de Alexandre Leite Proença e de Esmeralda Cavalcanti Proença, e faleceu em 16 de Dezembro de 1966, no Rio de Janeiro.

Órfão de pai aos quinze dias de nascido, Maneco começou seus estudos em Cuiabá na Escola Modelo Barão de Melgaço, passando depois para o Liceu Cuiabano. Aluno brilhante, daqui saíria em busca de novos horizontes, levado por um parente militar, para o Colégio Militar do Rio de Janeiro e depois para a Escola Militar de Realengo.

Ainda no colégio militar, em 1922, começa a escrever no jornal interno *A aspiração*, do qual seria redator-chefe, não sem antes ganhar dois concursos de poesia e um de contos.

De Realengo, Maneco vai servir em Três Corações/MG, de onde sai cabo de cavalaria em 1924. No ano seguinte, como militar, teria seu primeiro “grande banho de brasilidade” participando da busca à Coluna Prestes no Nordeste. Em 1926 viaja pelo vale do São Francisco, buscando dados para aquele que seria seu primeiro livro.

Mas ainda vai correr muito chão, em 1927 faz concurso para a Escola de Veterinária do Exército, aprovado, será sempre o primeiro da turma, até a formatura em 1930, quando casa-se com Esmeralda Bechara e vai servir em Cuiabá

Em 1932, de volta ao Rio de Janeiro, é nomeado professor da Escola de Veterinária e faz o curso de Biologia no Instituto Oswaldo Cruz. Passando a pesquisador nesse Instituto em 1933, tem trabalhos sobre helmintologia e entomologia publicados em revistas científicas do país e do exterior. Esses trabalhos acabam levando-o em Missão Cultural e Científica, pela Ministério das Relações Exteriores, ao Paraguai em 1943.

No ano seguinte escreve seu primeiro livro, o ensaio *Ribeira do São Francisco*, que conquista o 1º Prêmio Visconde de Taunay, da Biblioteca do Exército.

Inicia carreira no magistério em 1945 como professor de Português e Literatura do Colégio Militar do Rio de Janeiro; em seguida ocupa vários postos administrativos no governo federal, entre os quais o de diretor do Serviço de Alimentação da Previdência Social no governo Dutra, e o de Assessor Cultural no governo Juscelino Kubistchek.

Nessa época, Maneco participa daquela roda que reúne a melhor boemia literária do Rio de Janeiro, sem no entanto perder sua simplicidade de interiorano, de homem que abriu seu caminho pelo trabalho e pelo estudo. Acompanhava da arquibancada do Maracanã o seu América, gravava os cantadores nordestinos que tocavam no Largo do Machado, já se interessava pela literatura de cordel e, principalmente, não dispensava o

passeio matinal regado a conversas no botequim, no barbeiro, no ponto de taxi de um esquina da Av. 28 de Setembro. Aquela vivência de onde sai uma obra humanista e lírica, sem negar um travo de indignação com as injustiças.

Em 1950 escreve seu monumental *Roteiro de Macunaíma*, levantando as influências, referências e citações da rapsódia de Mário de Andrade, sendo até hoje a mais completa e séria fonte de consulta sobre essa obra. Pelo trabalho, ganhou o Prêmio do Departamento Cultural de São Paulo.

Em 1953 publica seu primeiro livro de contos, *Uniforme de Gala*, onde já exercita sua veia crítica e humorística sobre a vida da caserna. Esses contos mostram também uma visão lírica da vida das pessoas comuns, sobretudo com *Dina morreu por uma tarde de julho* e *Claudino de Jesus*.

No ano seguinte é convidado para membro do Instituto de Geografia e História do Exército e recebe a Medalha do Pacificador - Duque de Caxias.

Em 1955 aparece seu estudo *Ritmo e Poesia*, trabalho também pioneiro onde são analisados os ritmos poéticos, inclusive os da literatura de cordel. No ano seguinte mais uma coletânea de contos sobre a caserna, *Nove anos de praça*, e participa de uma coletânea de contos sobre a mesma temática, intitulada *Nove histórias reiúnas*.

Do ano de 1956 data também a parceria com Francisco de Assis Barbosa e Antonio Houaiss para lançar as obras completas de Lima Barreto. O próprio Houaiss lembra em artigo de 1969 do *fecundo influxo comum de influências culturais e afetivas desse período, apesar de Maneco achá-lo um caturra empenhado em catar pulgas em elefantes*.

No ano seguinte entra para a Academia de Filologia do Estado da Guanabara e funda o Departamento de Língua Portuguesa da Academia Militar de Agulhas Negras, da qual é nomeado professor chefe.

Em 1958 publica *No Termo de Cuiabá*, obra fundamental sobre Mato Grosso, *Trilhas do Grande Sertão*, sobre Guimarães Rosa e *Augusto dos Anjos e outros ensaios*, primeira coletânea de ensaios literários.

É chamado para assessor do Gabinete Militar do governo Juscelino Kubitschek, e depois exerce vários cargos no governo Sette Câmara, no Rio de Janeiro.

Mas a insatisfação com a realidade nacional já é forte, em 1960 publica sua "rapsódia-ou-o que?" *Manuscrito Holandês (A Peleja do Caboclo Mitavaí com o Monstro Macobeba)*, uma deliciosa sátira sobre a influência estrangeira em nosso país, transformada anos depois em enredo de Escola de Samba carioca. O Mitavaí Arandu do livro seria o filho de Macunaíma.

Em 1961 pede reforma da vida militar, e nesse mesmo ano faz parte do grupo de trabalho para o estudo de uma legislação de proteção ao menor abandonado. Com a reforma, cresce a produção literária em várias áreas, e em 1965 é diretor da *Revista da Civilização Brasileira*, importante órgão de resistência e discussão da realidade nacional naqueles anos difíceis.

Ciente das coisas do Brasil, como Monteiro Lobato, se lança à literatura infantil, e sob a influência da Literatura de Cordel, produz o *Passarim dos meus trabalhos*,

com os personagens *Rapidíneo Calafate*, *Calmino Tiro e Queda* e *Sossegório Clarineta*. Além desse ainda produziria *Estória de João Cenoura e seu cavalo Maxixe*. Nos últimos anos de vida dedica-se ao estudo da figura literária de José de Alencar, ministrando curso sobre sua obra na Universidade do Ceará e publicando a edição crítica de centenário do romance *Iracema*.

Em 1967 é publicada sua novela póstuma, *O Alferes*, a qual me mostrou um caminho para a ficção histórica em Mato Grosso. Na verdade, Maneco mostra em sua obra múltiplas possibilidades para nossa cultura, merecendo sempre ser lido e relido por aqueles que constantemente se perguntam quem somos e para onde vamos neste país.

No ano de 1971 seus principais trabalhos de crítica seriam reunidos no volume *Estudos Literários de M. Cavalcanti Proença*, na Coleção *Documentos Brasileiros*, dirigida por Afonso Arinos de Melo Franco, pela Editora José Olympio. Cinco anos depois a mesma editora publicaria a *Seleção de M. Cavalcanti Proença*, na Coleção *Brasil Moço*, visando aproximar a juventude do trabalho literário deste grande cuiabano.

Bibliografia de M. Cavalcanti Proença:

- *Ribeira de São Francisco* (1944)
- *Roteiro de Macunaima* (1950)
- *Uniforme de Gala* (1953)
- *Ritmo e Poesia* (1955) *9 Histórias Reiúnas (colab.)* (1956)
- *Impressões de Leitura (colab.)* (1956) *No Termo de Cuiabá* (1958)
- *Trilhas do Grande Sertão* (1958) *Augusto dos Anjos e Outros Ensaios* (1958)
- *Manuscrito Holandês ou A Peleja do Caboclo Mitavaí com o monstro Macobeba* (1960)
- *Rio de Toda a Gente* (1962) *Literatura Popular em verso* (1964), *Mangueira* (1965) *José de Alencar na Literatura Brasileira* (1966) *O Alferes* (1967).